



Indiciarismo e História Oral: ferramentas metodológicas interdisciplinares entre a História e o Jornalismo¹

Renato Heitor Santoro MOREIRA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

A História se utiliza de várias metodologias de pesquisa, dentre elas o indiciarismo e a história oral. Tais ferramentas mostram-se perfeitamente utilizáveis também no âmbito da Comunicação Social, especificamente no exercício do Jornalismo que, ao fazer uso das técnicas de apuração, busca suas fontes para legitimar as informações obtidas seja por meio de relatos orais oriundos de testemunhos, seja em fontes descobertas pelos jornalistas por meio de processos investigativos nos quais analisa pistas, indícios que poderão levá-los a conclusões e fatos não observáveis anteriormente, unindo razão e sensibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Indiciarismo, História oral, Jornalismo.

INTRODUÇÃO

O artigo que ora se apresenta é fruto da observação do autor sobre as metodologias de trabalho utilizadas durante a produção de sua dissertação de mestrado, produzida entre os anos de 2006 e 2008, no Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação da professora doutora Márcia Barros Ferreira Rodrigues. O trabalho em questão tratou de resgatar a gênese do que mais tarde veio a se constituir como um grupo político hegemônico na política institucional do Espírito Santo.

Utilizando a história oral e o indiciarismo, tentou-se reconstruir, na referida dissertação, o movimento estudantil na Universidade Federal do Espírito Santo, no período entre 1976 e 1981, quando o Diretório Central dos Estudantes foi reaberto, tendo como primeiro presidente, nessa nova fase, o então estudante de Economia Paulo César Hartung Gomes. Devido à falta de registros, a proposta foi, a partir de uma perspectiva

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, e-mail: rheitor@terra.com.



sócio-históricográfica, reconstituir e entender uma época utilizando-se de fragmentos de informação, buscando o passado histórico do objeto de estudo, tentando verificar suas implicações na contemporaneidade.

O trabalho apresentou o cenário político da época e como o debate da divisão das esquerdas no Brasil refletiu diretamente na academia, englobando também as discussões no âmbito do movimento estudantil.

Mais do que isso, no entanto, a pesquisa pretendeu contar a história do movimento estudantil capixaba por intermédio de seus próprios atores sociais, utilizando-se, inicialmente, de entrevistas cujas técnicas foram aprendidas no curso de Jornalismo³, tendo, na sequência, sido utilizadas as técnicas da história oral.

Por fim, o trabalho tentou revelar também, utilizando-se da busca por indícios nas entrevistas, se o grupo em questão, apesar de pregar uma ideologia socialista, Marxista e Leninista, não adotava práticas centralistas e, às vezes, pouco democráticas.

INDICIARISMO E HISTÓRIA ORAL: CONCEITOS

Para tentar explicar o paralelo das metodologias utilizadas na dissertação anteriormente citada e a prática do Jornalismo, é preciso, antes de mais nada, que se entenda os conceitos referentes ao método indiciário e à história oral.

O indiciarismo remonta ao início da civilização, ressurgiu a partir do final do século XIX, no âmbito das ciências humanas. Atualmente, seu maior ícone é o historiador italiano, Carlo Ginzburg.

Tem (o método ou paradigma⁴) como característica principal trabalhar a pesquisa científica a partir de sinais, indícios e fragmentos de informação que, numa perspectiva positivista, seriam deixados à margem pelos pesquisadores.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas da lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, 1989, p. 151)

³ O autor é bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1985)

⁴ Pelo fato de não ser teorizado, o indiciarismo não é considerado um método por alguns autores.



Pelo fato de trabalhar essencialmente com a sensibilidade, a subjetividade, o acaso, a intuição e a dedução, o paradigma indiciário rompe com o rigor inflexível do Positivismo, dando margem a abordagens mais apropriadas em casos nos quais não há registros formais.

Corroborando o raciocínio metodológico acima, Coelho⁵ (2006, p.9) afirma que “este método está fundamentado na investigação de fatos – ou dados – pequenos, isto é, pormenores geralmente menosprezados pelos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento”.

Tendo em vista o exposto, é cabível trabalhar com a definição de paradigma indiciário feita pela professora doutora em História, Márcia Barros Ferreira Rodrigues (2005, p.213)⁶, como sendo um “conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios [...]”.

O método trabalha com aquilo que já foi vivido na prática historiográfica, permitindo, a partir de fragmentos, compreender toda uma rede de relações sociais dentro de uma temporalidade específica. Permite ainda trabalhar de forma conjectural e interpretativa, sem, no entanto, abrir mão da cientificidade, estabelecendo um ponto de equilíbrio entre o rigor científico e a flexibilidade necessária à utilização da sensibilidade do pesquisador no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, Ginzburg (1989) atribui o paradigma indiciário às mais diversas áreas do conhecimento humano, tais como a medicina, a psicanálise, as artes, a arqueologia, a literatura, a criminalística, dentre outras.

Trata-se, de fato, de disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, enquanto individuais, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade: basta pensar no peso das conjecturas (o próprio termo é de origem divinatória) na medicina ou na filologia, além da arte mântica. (GINZBURG, 1989, p. 156)

A partir de tal pressuposto, percebe-se que as técnicas de apuração para a produção de material jornalístico – sobretudo em se tratando de jornalismo investigativo – se utilizam do método indiciário.

⁵ RODRIGUES, Marcia B. F. (Org.). **Exercícios de indiciário**. Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, 2006, 93 p., Rumos da história; v. 6

⁶ RODRIGUES, Marcia B. F.. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: **Dimensões – revista de História da Ufes: Estado, sociedade e poder**. Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, 298p, 2005.



A produção de quaisquer notícias por si só é parte de um processo investigativo. Certamente que entre os tipos de matérias e gêneros jornalísticos existentes, o grau de investigação também é variável. E é a partir desse processo investigatório que, por dedução lógica com base em pistas e fragmentos de informações aliados a informações obtidas junto a fontes concretas, o profissional de Jornalismo chega a conclusões que a racionalidade dos dados não nos permite visualizar numa primeira análise superficial dos fatos. O jornalista, assim como o historiador, lança mão da razão e da sensibilidade de forma consistente e com todo o rigor exigido seja pelo Jornalismo, seja pela ciência.

[...] O pesquisador terá que lançar mão da conjugação razão e sensibilidade para que as fontes sejam ouvidas e argüidas com criatividade, inteligência e consistência, considerando os atos falhos, as metáforas, as metonímias, os deslocamentos na análise documental. (RODRIGUES, 2006, p.6)

Assim, sem se dar conta, o Jornalismo adota, sobretudo na contemporaneidade, método similar de trabalho atualmente utilizado e teorizado pela história e pelas ciências sociais de uma forma geral, vez que encontram-se em estreita relação.

A história oral, por sua vez, é uma poderosa aliada na obtenção de informações junto às fontes investigadas. São vários os tipos de pesquisa em que se pode utilizar a história oral como método, técnica ou fonte de informação. Alberti (2004) destaca, entre esses tipos, a história do cotidiano, história política, padrões de socialização e de trajetórias, história de comunidades, história de instituições, biografias, história de experiências, registro de tradições culturais e história de memórias. Verena Alberti (2004, p.18) define a história oral da seguinte maneira:

“[...] é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.”

Segundo Alberti (2004, p.23), “uma entrevista de história oral permite reconstruir decursos cotidianos, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte”. O método trabalha para tentar reconstruir situações ocorridas no passado (às vezes muito recentes do ponto de vista histórico), contadas pelos próprios atores. Tem também como



características o fato de constituir-se em um documento oral e dar ao pesquisador um alto poder de análise sobre o que foi e o que não foi dito. Nesse sentido, é importante frisar o reconhecimento que se tem das possíveis falhas e armadilhas do método caso não seja aplicado da maneira correta. A esse respeito, Alberti (2004, p.15) nos diz que “[...] a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente”. A autora vai mais além:

Desse modo, ao solicitarmos do entrevistado que reconstitua seu cotidiano, há o risco de o resultado acabar sendo determinado pelas perguntas, que só conseguem trazer à lembrança alguns aspectos da vida diária. Além disso, é preciso ter claro que a descrição do cotidiano sempre vem acompanhada de certa nostalgia, misturada a sentimentos de pesar ou de alívio, que acabam marcando o sentido da narrativa. (ALBERTI, 2004, p.24)

Por isso, é importante que se tenha o que a autora chama de “compromisso com a complementaridade das entrevistas”. Em outras palavras, para que o método não fique à mercê das emoções de cada entrevistado e suas versões dos fatos, faz-se necessário recorrer a outras fontes (também entrevistadas), de modo a confirmar ou não aquilo que foi dito anteriormente, garantindo, assim, a legitimidade da história oral enquanto fonte. Nada disso, todavia, descredencia a história oral enquanto método, técnica ou fonte. Os relatos coletados deverão auxiliar a compreensão de um contexto maior daquilo que se quer reconstruir. Servirão como base para que o pesquisador entenda um fato passado, independentemente das fontes ouvidas terem ou não distorcido seus relatos de acordo com suas emoções.

Assim, não é mais fator negativo o depoente poder “distorcer” a realidade, ter “falhas” de memória ou “errar” em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes. (ALBERTI, 2004, p. 19)

Tudo o que foi tratado até aqui, em relação à história oral, mostra uma intensa relação entre o método e a prática do mesmo na produção jornalística da atualidade.

O tempo todo jornalistas trabalham com fontes na produção de suas matérias, sendo que a grande maioria das vezes as fontes utilizadas são aquelas em que as informações são apuradas oralmente, por meio de entrevistas nas quais o jornalista dialoga com a fonte.



São as chamadas fontes diretas, indiretas e adicionais (ERBOLATO, 2002,p.184). As fontes ganham voz nas matérias, tal qual os pesquisadores que utilizam a história oral o fazem em seus trabalhos. Esse modelo utilizado pelo Jornalismo, teoricamente, dá maior credibilidade às matérias. Mas, para que isso aconteça de fato, é preciso fazer o mesmo que a história oral: ouvir outras fontes e confrontar os depoimentos, analisar o contexto em que os fatos aconteceram e, quase sempre, buscar mais fontes para se chegar a um texto no qual se possa oferecer ao leitor uma oportunidade real de reflexão que venha a formar sua opinião acerca do que foi escrito.

Da mesma forma que na história oral, a produção jornalística se transforma, invariavelmente, em documento. Não são poucas as pesquisas realizadas – seja na área da comunicação social, seja nas demais áreas de conhecimento – que fazem uso da imprensa escrita, falada, televisiva e digital como objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer esta correlação entre os métodos de apuração utilizados pelo Jornalismo, a história oral e o indiciário mostra como a prática cotidiana de uma profissão pode se assemelhar, mantidas as devidas proporções, às práticas da pesquisa científica. Evidentemente que os trabalhos de pesquisa exigem um rigor metodológico bastante criterioso e prolongado, mas não menos necessário do que qualquer profissional de Jornalismo devesse utilizar durante seu processo de produção. Da mesma forma que um trabalho de pesquisa científica com falhas metodológicas pode gerar conclusões equivocadas e prejudiciais a um grupo social, o trabalho do jornalista, se mal feito, pode causar danos ainda mais sérios à sociedade, já que tudo aquilo que a imprensa publica tende a ser visto pelos leitores como algo verdadeiro. Caso emblemático na história da imprensa brasileira foi o da Escola Base, em São Paulo (SP), quando por um erro de apuração publicou-se uma informação errada que, mais tarde, veio a causar não só o fechamento da instituição, mas também a destruição da vida particular dos proprietários até os dias atuais.

A apuração, segundo Erbolato (2002, p.185), “consiste no levantamento completo dos dados e elementos de um acontecimento, para que se possa escrever uma notícia sobre o mesmo”. Segundo Bonfim (1969), são cinco as formas de se apurar uma notícia: observação direta; coleta; levantamento; despistamento e análise. Observação direta



nada mais é do que a presença do jornalista no local onde o fato ocorreu para que possa relatar os fatos e entrevistar as pessoas que dele participaram. Coleta se baseia no recebimento de documentos e conversas com fontes. O levantamento tem por objetivo conseguir dados ainda não divulgados. O despistamento consiste em tentar fazer com que uma ou mais pessoas revelem fatos que não queiram divulgar. Por fim, a análise é o processo no qual o jornalista confronta todos os fatos e dados obtidos para oferecer ao leitor um conteúdo “o panorama e a perspectiva de um acontecimento” (ERBOLATO, 2002, p.186).

Se, a partir das etapas acima definidas por Octavio Bonfim, fizermos um paralelo da prática do Jornalismo com a história oral e o indiciário, teremos o seguinte contexto: observação direta – no indiciário é fundamental para a busca e obtenção de pistas e fragmentos de informação não utilizados ou não percebidos; coleta – necessária tanto no indiciário quanto na história oral, destacando-se as diferenças metodológicas⁷; levantamento – da mesma forma, o levantamento de dados reservados é realizado pelo método indiciário, que busca corroborar ou não as hipóteses a partir da análise desses fragmentos deixados para trás. A história oral, por sua vez, realiza o levantamento de dados reservados utilizando-se da confrontação entre vários depoimentos sobre um mesmo fato; despistamento – aqui, a história oral age por meio de suas técnicas de entrevista, tentando obter de seus entrevistados informações que não gostariam de revelar; análise – obrigatoriamente utilizada no indiciário e na história oral. É característica intrínseca de ambas as metodologias.

Não se quer, todavia, com este artigo, dizer que Jornalismo, indiciário e história oral sejam partes integrantes uns dos outros. O que se pretendeu mostrar aqui não foi outra coisa senão que as práticas metodológicas adotadas pelas ciências sociais (sobretudo pela História), são utilizadas em larga escala no processo produtivo do Jornalismo. Porém em graus e escalas diferentes e, ainda, sem que os jornalistas se dêem conta disso. Isso, sem dúvida, é uma falha acadêmica que se reflete no campo profissional e que as instituições de ensino superior precisam concentrar esforços.

⁷ No indiciário a coleta existente é a de pistas (materiais ou não) que levem a novas informações. Na história oral, a coleta se dá por meio das entrevistas junto aos atores sociais.



REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar** – textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BONFIM, Octavio. A apuração da notícia. In: **Cadernos de jornalismo e comunicação**. Nº 20. Rio de Janeiro, 1969.
- ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição em jornal diário. São Paulo : Ática, 2002
- FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo : Contexto, 2005.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais** – morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- RODRIGUES, Marcia B. F. (Org.). **Exercícios de indiciário**. Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, 2006, 93 p., Rumos da história; v. 6
- RODRIGUES, Marcia B. F.. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: **Dimensões – revista de História da Ufes: Estado, sociedade e poder**. Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, 298p, 2005.